

CULTURA DOS POVOS INDÍGENAS: A FESTA DA MENINA MOÇA DOS TENETEHÁRA DA ALDEIA PROVIDÊNCIA

CULTURE OF INDIGENOUS PEOPLE: THE FESTIVAL OF THE YOUNG GIRL OF THE TENETEHÁRA OF ALDEIA PROVIDÊNCIA

Taynan Caroline Apinagé Monteles 1
Telma Bonifacio dos Santos Reinaldo 2

Resumo: Apresentamos como é feita a festa que marca a passagem das índias para a fase. Relata uma história única de contato dos índios com os brancos, que remonta ao século XVII com a instalação das missões jesuítas. Explica como os Guajajara se rebelaram contra um empreendimento capuchinho de colonização em 1897, culminando na Revolta de Alto Alegre. Certifica que apesar de terem acabado os confrontos armados, ainda há ressentimentos interétnicos entre os Guajajara e outros grupos, como os Canelas e os Guajá. Esse estudo da festa contribui para fortalecer tradições e combater a discriminação e o preconceito.

Palavras-Chave: História. Festa. Cultura. Indígena.

Abstract: It presents how the party that marks the passage of the Indies to the stage is made. It tells a unique story of contact between the Indians and the whites, which dates to the 17th century with the installation of the Jesuit missions. It explains how the Guajajara rebelled against a Capuchin colonization venture in 1897, culminating in the Alto Alegre Revolt. This study of the festival contributes to strengthening traditions and combating discrimination and prejudice.

Keywords: History. Party. Culture. Indigenous.

1- Graduada em História pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA – PARFOR – Grajaú. Professora da rede municipal. taynacam@gmail.com

2- Doutora em Ciências da Educação pelo Instituto Central de Ciências Pedagógicas - Universidade de Havana - Cuba reconhecido pela UNB. Especialista em Teoria e Produção do Conhecimento-UNICENTRO-PR, Especialista em EAD com Ênfase na Docência e na Tutoria em EAD- PUCRS e Docência e Tutoria em Educação à Distância pela UEMAnet. Coordenadora de Estágios Obrigatórios e Não Obrigatórios no Curso de História da UFMA; Vice Coordenadora do Mestrado Profissional de História; Professora Titular do Departamento de História-UFMA. Lattes:<https://lattes.cnpq.br/5242381268998292>. ORCID: <https://orcid.org/000-0001-6183-7056>. E-MAIL:telma.bonifacio@ufma.br

Introdução

Os povos indígenas *Tenetehára* têm passado ao longo dos anos da história do Brasil por um longo e difícil processo de sobrevivência, quando suas terras, seus símbolos e seus povos têm sido constantemente submetidos a um ritmo de aculturação, onde a preservação de suas características é cada vez mais alterada e deteriorada, embora tenham procurado preservar a festa tradicional denominada “A Festa da Menina Moça” ainda de forma integral e lutado para resgatar outras como a “Festa do Mel” e a “Festa dos Rapazes”.

Pretendemos identificar como a aldeia se prepara para essa festa e quais as formas de resistência dessa cultura na sociedade atual, na busca de compreender qual a importância da valorização desses rituais e como podemos contribuir para sobrevivência cultural dos povos indígenas, embora essa prática se apresente como um problema na comunidade indígena atual.

Sabemos que o Brasil ainda apresenta a coexistência da diversidade de povos indígenas com seus formatos de organização, educação, culturas, histórias e direitos que deve ser respeitada e valorizada, contudo, ainda há muito que fazer para que as relações entre as sociedades indígenas e não indígenas atacadas em suas origens e apagadas da memória da sociedade brasileira.

É válido ressaltar que os indígenas tiveram papel importante na nossa história e na nossa cultura com seus hábitos, costumes, vocabulário, técnicas e alimentação, as quais ainda estão presente em nosso dia a dia. Mesmo assim, ela vem sendo tratada com preconceito por muitos brasileiros que não admitem formas de pensar e agir diferente das suas.

Elaboramos este trabalho com a finalidade de conhecer um pouco do que ainda existe da cultura indígena no município de Arame – Maranhão por reconhecer que a importância dos indígenas para a construção da identidade brasileira é real e merece ser preservada e resgata do silêncio que vem se abatendo sobre a mesma.

O objetivo do presente trabalho é reconhecer e valorizar a história e cultura dos povos indígenas, sua etnodiversidade e suas contribuições na formação do povo brasileiro proporcionando a oportunidade de conhecer mais especificamente a Festa da Menina Moça dos povos indígenas *Tenetehára* da aldeia Nova Providência.

Contribuindo assim na discussão e fortalecimento de saberes e tradições, valorizando esses aspectos como formas de instrumentalizar o combate e a diminuição da discriminação e preconceito; favorecendo a compreensão da diversidade étnica, da pluralidade linguística indígena, reconhecer a importância, contribuição e influência da cultura indígena no nosso dia a dia; analisando elementos da sua cultura, tais como: a pintura corporal, suas festas, seus rituais, artesanatos; verificando através de depoimentos dos moradores da aldeia como está sendo as formas de resistências dessa festa e; percebendo os valores empregados durante a Festa da Menina Moça e as formas de resistência dessa tradição. As narrativas orais desses povos são os conhecimentos preservados na memória dos mais velhos e transmitidos por gerações.

Festas e rituais na cultura indígena

No Brasil, temos uma grande diversidade de festas e rituais culturais indígenas, isso deve-se a contribuição dos povos europeus, africanos e indígenas que aqui se encontra. As festas constituem espaços propícios para construção e reafirmação de identidades. Segundo Durkheim:

(...) a própria idéia de cerimônia religiosa de alguma importância, desperta naturalmente a idéia de festa. Inversamente, toda festa... apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter

parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes se observam as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, ele se dá com as cerimônias religiosas que determinam uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas (1989, p. 456).

Portanto podemos perceber relações entre religião e festas, e que as festas servem de descanso da vida cotidiana e afazeres rotineiros que muitas vezes chegam a ser enfadonhos. A autora Amaral (1998, p.7) considera que a festa “é um forte elemento constitutivo do modo de vida...é uma das linguagens favoritas do povobrasileiro”. É através dela que afirmamos nossa identidade e elementos culturais pertencentes a nossa sociedade.

Mikhail Bakhtin, traz mais conceitos sobre as festas e afirma:

As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem as explicar como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimem sempre uma concepção do mundo...” (BAKHTIN, 1987, p.7-8).

Assim, portando observamos que todo povo, toda civilização tem suas formas de festejar, e que isso é algo que vem de logo tempo. Geralmente as festas da cultura popular geralmente acontecem como forma de retribuição ou de agradecimento por algo alcançado.

Os rituais que fazem partes da cultura de cada povo partilham alguns traços formais e padronizados, que por muitas vezes se modificam ao longo do tempo, por fundados em construções ideológicas particulares.

Os povos indígenas com sua grande diversidade étnica, contribuíram de formas diferentes em relação a muitos aspectos culturais. Suas tradições são transmitidas de geração em geração e cabe aos mais velhos que são mais experientes passar seus conhecimentos aos mais jovens, suas crenças, devoções, histórias, cânticos orais e pinturas corporais específicas de sua etnia. As crianças indígenas incorporaram desde cedo as tradições de seu povo.

Essa tradição que é transmitida principalmente pela memória dos mais velhos onde há muita gratidão e respeito pela natureza que continua a nos ensinar a reconhecer as festas como uma expressão irredutível da vida. Nas festas e rituais, na dança, nos lugares e nos cânticos encontram-se sintetizados a vida cotidiana, as relações entre os membros da comunidade indígena, os conflitos, as expectativas, os desejos, a religiosidade, a fé, reverência a ancestralidade, revelando assim os costumes, comportamentos, os elementos culturais.

Os rituais indígenas é um dos elementos fundamentais para manutenção da identidade das diversas etnias indígena dos quais tecem uma rede de relações internas. A partir dos rituais, é possível apreender o sistema simbólico que rege a cosmologia desses povos

A festa da menina moça

Quando em uma aldeia indígena se percebe uma movimentação com redes espalhadas por todos os cantos e índios chegando toda a hora, é sinal de festa na aldeia, estão se preparando para a Festa do Moqueado ou a festa da Menina Moça, que marca a passagem das índias para a fase adulta.

A festa da Menina Moça acontece todos os anos em data marcada com antecedência e planejada, esse ritual acontece logo após a primeira menstruação da menina indígena, que deve passar vinte dias deitada em uma rede, tendo contato apenas com a mãe, tia ou avó. Este período é para que o corpo dela se forme, pois, ao sair já será uma mulher adulta.

Foto 1. Festa da Menina Moça



O ritual começou cedo, por volta de cinco horas da manhã geralmente de um final de semana, que pode ser o sábado, quando as mulheres mais velhas e parentes da menina moça se responsabiliza de cuidar das tintas para pintar o corpo da menina, geralmente essa tinta é retirada do leite de jenipapo, fruta típica do Nordeste e facilmente encontrada na região dos indígenas guajajara.

Antes de entrar na oca, as meninas são pintadas e após a pintura elas ficam na oca. Depois de uma longa preparação elas estão enfeitadas e saem da oca para mostrarem a beleza para toda a aldeia e são recebidas pelos mais velhos com muita música e muita alegria.

Por volta das 17h da tarde, depois de arrumadas com artesanatos, cordões, penas de aves, e saias longas, o vermelho se destaca porque representa os pássaros da mata. A festa dura à noite toda e, no domingo pela manhã ocorre a última parte do ritual, com roupas brancas saudando o amanhecer e representando os antepassados. É nessa hora que começa a ser servido o banquete que dá origem à Festa do Moqueado.

Foto 2. Festa da Menina Moça



O moqueado tem toda uma simbologia na tradição do povo Guajajara. Significa a fartura de alimentos e a partilha entre todos os habitantes da aldeia. São macacos, pacas, cotias, veados nambu, um pássaro nativo da região, que ficam cerca de 30 dias num jirau com brasa para ser defumado.

Os preparativos acontecem para a grande festa começam meses antes. Na noite anterior

da festa, todos da aldeia se pintam com jenipapo, cantam e dançam. A música é para espantar os espíritos dos homens brancos que foram mortos em guerras com os indígenas e para proteger a garota de assombrações. Quando a moça é colocada na tocaia (local onde a moça fica reclusa) a avó corta a franja dos cabelos um dedo acima dos olhos, deixando os longos atrás. A moça é despojada de todo o tipo de roupa, e é pintada com sumo de jenipapo, do rosto aos pés. Em seguida, toda a família pinta-se, também, com esse suco. Ela passa sete dias na tocaia, durante esse tempo ela não pode tomar banho, porque o espírito da água, gosta, particularmente de moça pintada e pode levá-la.

Pouco antes de amanhecer o dia, os pais retiram a menina da rede e a preparam com jenipapo, pulseiras e colares. Isto é, na verdade, uma proteção para que ela não se machuque, não pegue doenças e fique mais inteligente. O próximo passo é banhar-se no rio. Segundo a tradição, quanto mais cedo o banho, mais a garota vai demorar em envelhecer.

Ao voltar para a aldeia, os demais já estão cortando castanha, que a jovem irá preparar junto com pedaços de peixe – prato conhecido como “Botawa”. No local onde está a água, a avó a espera para dar-lhe um banho com folha de macaxeira. Durante o banho ritual a avó diz: “minha filha, vou te banhar com água da mãe-d’água para ela te proteger”, com a outra mão aperta todo o corpo, e prossegue: “vai ser uma menina formosa, forte e sadia”. A água que sobra é despejada nas pernas dela.

Terminando o banho ritual de purificação, ela veste uma pequena saia e volta para casa. Em casa são lhe reservados alguns trabalhos para fazer: a fim de demonstrar que ela é capaz de realizar tarefas específicas para mulheres adultas. Quando o dia amanhece, varre a casa e faz outros trabalhos de competência da mulher. Deve, portanto, demonstrar que é bem-disposta para o trabalho.

Termina com essa demonstração o ritual da primeira menstruação. Nos sete dias subsequentes, ela continuará não podendo tomar banho no riacho ou na fonte por estar pintada de jenipapo. Deve ficar com a cabeça coberta com pano, para evitar que o morcego pouse nela e a torne careca. Com sete dias, quando o jenipapo tiver saído por completo do seu corpo, é considerada curada definitivamente.

Alimentar os convidados é a última parte da festa, e a primeira tarefa como mulher adulta. A vida de criança e de brincadeiras fica no passado, seu comportamento e postura são outros: mulher de pouca conversa semblante sério e concentrado nos afazeres. Os homens das aldeias vão para mata para caçar, esses animais serviram de alimento do dia da festa, o moqueado. Os animais mais comuns para alimentação no dia da festa são cutia, capelão, jacu, porco-do-mato, veado entre outros. A caça mais preferida é a lambu do pé roxo. Os homens matam e tratam esses animais, em seguida colocam em um giral onde é assado lentamente a carne durando vários dias, podendo ficar até mais de mês. Essa carne que passa por esse processo de moquear será cortada e cozida no dia da festa, onde também será feito bolinhos com essa carne e farinha de puba que serão servidos pelas Moças no segundo dia da festa.

A preparação das moças que participaram do ritual de passagem começa também bem antes da festa. Onde as meninas ficam resguardadas por um período sem contato com os demais membros da aldeia quando estas menstruam pela primeira vez, só quem pode entrar no quarto durante esse período são as mulheres e crianças, sua alimentação também é acompanhada durante esse período não podendo consumir vários tipos de carnes de caça, pois estão sujeitas até mesmo enlouquecerem caso não quebrem o resguardo. No dia da festa da Menina Moça, que comemora a passagem da menina para fase adulta, as meninas que irão passar pelo ritual têm seus corpos pintados por suas mães, ou mulheres mais velhas experientes da aldeia.

Essa pintura corporal é feita com a tinta extraída do jenipapo e serve para afastar os espíritos maus. As moças são vestidas com saias vermelhas, adornadas com colares e penas. Seus olhos também são cobertos por penas. Quando os membros da aldeia já estão reunidos é escolhido os cantores com seus maracás para festa. Os cantores iniciam os cânticos juntamente com os demais membros da aldeia e as moças saem ao encontro dos mesmos.

Foto 3. tirada na Aldeia Nova Providencia dia 11-08-2018



As moças não podem momento algum levantar a cabeça em ficarem rindo ou conversando com alguém. Ficam até altas horas da noite dançando ao lado do cantor escolhido para acompanhá-la. As moças retornam a casa para descansarem e os demais membros ficam festejando a noite e madrugada inteira.

No dia seguinte a festa continua, logo cedo antes do dia clarear direito os cantores de organizam novamente com seus maracas e começam a entoar cânticos chamando novamente as moças para saírem da casa. A moça nesse momento já sai com saia branca e adornos. Esse momento é um dos mais marcantes.

Foto 4. tirada na Aldeia Nova Providencia dia 12-08-2018



Após esse momento de dança e cânticos que falam sobre os espíritos das florestas e os ancestrais indígenas. As moças são colocadas nas esteiras feitas de palhas colocadas no chão. É entregue um canudo para as moças que represente que esta está preparada para vida adulta como mulher. E um membro da comunidade passa em cada uma delas a carne de uma caça para sua proteção.

Foto 5. tirada na Aldeia Nova Providencia dia 12-08-2018



Após esse momento continua a festa com cantigas e moças passam a servir o povo com bolinhos feitos de carne moqueada e farinha de puba.

A festa se encerra e os parés passam a retorna para sua lares e apesar da preocupação e luta em manter a tradição, diversos fatores vêm dificultando, a cada ano, a realização da Festa do Moqueado. Os principais são as queimadas, que destroem as reservas florestais e matam as caças, e o avanço dos madeireiros sobre os territórios indígenas do Maranhão. Os jovens das aldeias Guajajara também já não demonstram mais interesse em participar da festa.

Considerações Finais

Os Guajajara têm uma história longa e muito singular de contato com os brancos. O primeiro contato pode ter acontecido em 1615, nas margens do rio Pindaré, com uma expedição exploradora francesa. Até os meados do século XVII, os Tenetehára foram assolados pelas expedições escravagistas dos portugueses no médio Pindaré. Esta situação mudou com a instalação das missões jesuítas (1653-1755), que ofereceram certa proteção contra a escravidão, mas implicaram um sistema de dependência e servidão.

Depois da expulsão dos jesuítas da Colônia pela Coroa, os Tenetehára conseguiram recuperar parte de sua antiga independência, reduzindo os contatos com os colonizadores. A partir de meados do século XIX, foram progressivamente integrados em sistemas regionais de patronagem, com todas as formas conhecidas de exploração extrema (como coletores ou remeiros, por exemplo). A política indigenista da época não articulava qualquer proteção contra estes abusos. Os guajajara, de vez em quando, reagiam violentamente, mas em geral permaneciam submissos.

A maior revolta, no entanto, foi causada por um empreendimento de missão e colonização dos capuchinhos, a partir de 1897, em Alto Alegre, na região atual de Cana-Brava. Em 1901, o cacique Cauré Imana conseguiu unir um grande número de aldeias para destruir a missão e expulsar todos os brancos da região entre as cidades de Barra do Corda e Grajaú. Poucos meses depois, os índios foram derrotados pela milícia (composta de contingentes do Exército, da Polícia Militar, de indivíduos da população regional e de guerreiros Canelas) e perseguidos por vários anos, o que fez muito mais vítimas entre os guajajara do que entre os brancos. A revolta de Alto Alegre representa um dos incidentes mais importantes na história deste povo.

Novos conflitos sangrentos surgiram a partir dos anos 1960 e 70, com a expansão descontrolada de latifúndios no centro do Maranhão, empurrando muitos posseiros para dentro das Terras Indígenas. O maior palco destes conflitos foi de novo Cana-Brava, com o povoado ilegal de São Pedro dos Cacetes, que existiu de 1952 a 1995 e contra o qual os guajajara tiveram que resistir quatro décadas, com apoio apenas esporádico do Governo Federal. Outras ameaças surgiram a partir dos anos 1980, com o Programa Grande Carajás e com a cobiça de pequenas madeireiras regionais.

O contato com outras etnias indígenas - Guajá, Urubu-Ka'apor e vários grupos timbira, entre os quais os Canela - era tradicionalmente marcado por hostilidades. Apesar do fim dos confrontos armados, ainda existem ressentimentos interétnicos, particularmente contra os Canelas e os Guajá.

Referencias

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação em direitos humanos e diferenças culturais: questões e buscas.** Múltiplas Leituras, v.2, nº1, p. 09-81, jan/jun. 2009.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: HucitecAnnablume, 2002.

FREIRE, J. R. B. **Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos.** In: BRASIL. Educação escolar indígena em Terra Brasilis: tempo de novo descobrimento Rio de Janeiro: IBASE, 2004

FAUSTINO, R. C. Os processos educativos no Brasil e seus projetos para a civilização e inclusão indígena. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.41, p. 188-208, mar. 2011.

WENCZENOVICZ, T. J.; BAEZ, N. L. X. Direitos fundamentais, educação indígena e identidade emancipatória: reflexões acerca de ações afirmativas no Brasil. **Revista Brasileira de Direito**, v. 12, n.2, p. 95-107, jul./dez. 2016.

WOODWARD, K.; SILVA, T. S. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2008

AMARAL, Rita de Cássia de M. P. **Povo-de-santo, Povo-de-festa: Um estudo antropológico do estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista.** São Paulo, USP/FFLCH/DEP.ANTHROPOLOGIA, Diss. de Mestrado,1992.

BARATA, Maria Helena. **Tupi-Guarani e Jê timbira: articulações étnicas em processo.** Brasília: UnB, 1999. (Tese de Doutorado).

BARROS, Marcelo. **Conflito de terras em áreas indígenas: o caso Guajajara/ São Pedro dos Cacetes.** Desenvolvimento & Cidadania, São Luís: Instituto do Homem, n. 5, p. 15-7, 1992.

BENDOR-SAMUEL, David Harold. **Hierarchical structures in Guajajára.** Londres : Univ. of London, 1966. 305 p. (Ph.D. Dissertation)

CONSIGLIO, Vittorio. **Fontes missionárias e história indígena : um inventário analítico sobre textos jesuíticos nos arquivos romanos referentes a missão em Maranhão e Grão-Pará, séculos XVII-XVIII.** São Paulo: USP, 1997. 263 p. (Dissertação de Mestrado)

DINIZ, Edson Soares. **Convívio e dependência: os Tenetehára-Guajajára.** Journal de la Société desAméricanistes, Paris: Société desAméricanistes, v. 69, p. 117-27, 1983.

GALVÃO, Eduardo. Diários Tenetehára (1941-1942). In: GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira (Org.). **Diários de campo de Eduardo Galvão: Tenetehara, Kaioa e índios do Xingu.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 25-174. GOMES, Mércio Pereira. **The ethnicsurvivaloftheTeneteharaindiansof Maranhão, Brazil.** Gainesville. : Univ. of Florida, 1977. 295 p. (Tese de Doutorado)

GUIMARÃES, Francisco Alfredo Morais. **Vai-Yata-In (União de todos) : uma proposta alternativa no ensino da temática indígena na sala de aula.** Salvador: UFBA, 1996. 256 p. (Dissertação de Mestrado)

PERES, Carlos A. **Indigenous reserves and nature conservation in Amazonian forests.** Conservation Biology, Boston: Blackwell Scientific Publ., v. 8, n. 2, p. 586-8, jun. 1994.

SCHADEN, Egon. **Persistência e mudança da cultura Tenetehára.** In: ----- . Aculturação indígena: ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contacto com o mundo dos brancos. São Paulo: Edusp, 1969. p. 145-78.

SCHRÖDER, Peter. **Cana Brava e São Pedro dos Cacetes: um conflito em extinção.** In: RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). Povos Indígenas no Brasil: 1991-1995. São Paulo: ISA, 1996. p. 449-52.

SOARES, Marília Lopes da Costa Facó. **A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1979. (Dissertação de Mestrado)

UBBIALI, Carlo. **O filho de Ma'ira.** Quito: Abya-Yala, 1997. (Colección de Antropologia Aplicada, 13)

WAGLEY, Charles. **Cultural influences on population: a comparison of two tupí tribes.** In: GROSS, Daniel R. (Ed.). Peoples and cultures of native South America: an anthropological reader. New York: The American Museum of Natural Story, 1973. p. 145-58.

ZANNONI, Cláudio. **Mito e sociedade Tenetehara.** Araraquara : Unesp, 2002. 320 p. (Tese de Doutorado)